

Piauí



VIDA SUSTENTÁVEL E SEGURANÇA ALIMENTAR

O sistema de reúso de águas cinzas do seu Chiquinho e dona Rosária, no Piauí

Território de povos Tabajara, Tapuio-Itamaraty, a comunidade Indígena Nazaré fica localizada a 194 quilômetros da capital Teresina, no município de Lagoa de São Francisco, norte Semiárido piauiense. Lá, vivem Maria da Conceição Alves Ferreira, 65 anos, conhecida como “Rosária”, agricultora indígena da etnia Tabajara e seu Francisco de Assis da Silva, “Chiquinho”, 58 anos, agricultor, casados há 30 anos.

Rosária, que vivia de roça junto a família na comunidade, foi morar no Rio de Janeiro aos 28 anos a convite de uma prima. Lá conheceu seu Chiquinho, cearense natural da cidade de Reriutaba, e iniciaram uma vida juntos. Após 22 anos na cidade grande, sem estar trabalhando, os filhos crescendo e com medo da violência, há 15 anos dona Rosária resolve deixar para trás uma vida de correria com os 3 filhos. Um ano depois, após o restaurante em que seu Chiquinho trabalhou por 30 anos como cozinheiro, fechar, ele foi embora para a comunidade Nazaré, também.

Rosária é a quarta de 11 filhos do seu “Dôca Ana”, Francisco Alves Ferreira, (*in memoriam*) agricultor indígena Tabajara, fazedor de farinhada e que décadas antes do processo de resgate cultural de identidade dos povos indígenas da comunidade, já contava histórias de que a família e seus antepassados eram indígenas e que na comunidade havia outras famílias indígenas. Todos os anos, as famílias da comunidade se reúnem na casa de farinhada de “seu Dôca”, para produzirem farinha e beiju, prática da cultura indígena e símbolo de resistência dos povos originários, e que fortalece e mantém viva a identidade indígena tão defendida por seu pai.

O sistema de reúso de águas cinzas

No quintal da família de dona Rosária e seu Chiquinho existem mais de 20 pés de bananas, laranjas e mangas que são abastecidos pelo sistema de reúso de águas cinzas. Esse sistema consiste em reaproveitar as águas de uso doméstico, da lavagem da louça, roupa e do banho, no cultivo de algumas plantas. Após o uso da água, através da encanação, ela passa por uma caixa de gordura que filtra as primeiras impurezas, segue para outra caixa de filtragem que funciona através de uma placa solar, que quando o sol bate na placa, a água é bombeada para a última caixa onde a água é armazenada e que é manualmente liberada por seu Chiquinho, e através de um sistema de irrigação, é direcionada às plantações do quintal da família. Quinzenalmente, seu Chiquinho tira os ralos das caixas e faz a limpeza do sistema.



A caixa que filtra a água das louças, banho e lavado de roupa



Caixa de gordura que filtra as primeiras impurezas da água



Terceira filtragem da água



Bomba que funciona através da placa solar, que bombeia a água em direção à última caixa de armazenamento da água tratada



Caixa que armazena a água tratada que é manualmente liberada por seu Chiquinho em direção às plantações do quintal, através do sistema de irrigação

São 300 litros de água reaproveitados por dia. Por não ter a qualidade totalmente garantida, a água tratada serve apenas para o cultivo das bananeiras, mangueiras e laranjeiras do quintal da família, não devendo ser usada em hortas, tomates, pimentões ou outras espécies que são molhadas por completo. *“Fruta aqui não falta. Quando é na época das mangas, cajus, laranjas e bananas, a gente vende, dá, come..., não posso reclamar da minha sorte”*, afirma a agricultora. Dona Rosária diz que antes do sistema de reúso de águas cinzas, a água era totalmente desperdiçada pelo área do quintal, não tinha nada no quintal. Hoje, a produção e vendas das bananas, contribui com a renda da família. Bananas nanicas são as que mais vendem. *“Já chegamos a colher uma penca com duzentas bananas”*, conta.



A família foi beneficiada com o sistema, através do projeto Terras de Vida, do Governo do Estado do Piauí, destinado à comunidades indígenas. Seu Chiquinho, que também executa trabalhos de limpeza em quintais, observa o quanto de água é desperdiçada, se transformando em esgoto a céu aberto e que poderiam ser reaproveitadas através de um sistema de reúso. *“Essa água que temos aqui vem de longe, há uns 3 quilômetros de distância. A gente chama de uma água boa, e uma ruim, a boa vem do poço comunitário, é a água que a gente bebe, que a gente tem que economizar se não não dá pra todo mundo. Até onde se tem água com abundância se pede para usar a água com consciência, por que a natureza dá, mas ela também cobra e quando ela cobrar, não vai ser só de um, vai ser de todos”*, afirma seu Chiquinho.



A água das despesas que abastece a família vem do rio Grande, através do sistema da prefeitura, a de beber que vem do poço, o casal armazena em duas caixas d'água que a família divide solidariamente com a vizinha do lado, através de uma passagem no muro que separa as casas, para que a mesma possa pegar água quando precisar.

Além do cultivo das frutíferas, a família também cria porcos e galinhas. As galinhas são vendidas dentro da própria comunidade através do PAA indígena, o Programa de Aquisição de Alimentos do Governo Federal, fazendo com que todas as famílias indígenas usufruam das suas próprias criações e cultivos, e ainda gerem renda complementar para cada uma.



O sistema de reuso de água cinza da família serve de campo de visita de intercâmbios, como exemplo para uma forma de vida mais sustentável e econômica. “Na natureza tudo o que você planta, dá, basta você saber fazer”, conclui seu Chiquinho.

